



## Gênero e neopentecostalismo: um olhar a partir do projeto Godllywood

### *Gender and Neo-pentecostalism: a perspective from the project Godllywood*

Alesca Prado de Oliveira\*  
Alessandro Gomes Enoque\*\*

**Resumo:** É objeto do presente estudo desvelar a dinâmica das relações que são construídas a partir do sagrado para com o gênero e, para tanto, adentraremos no universo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), através de seu projeto para as mulheres fiéis, denominado Godllywood. Por meio de pesquisa teórica sobre a produção científica que aborda a inter-relação gênero e religião, e de pesquisa documental no canal virtual do projeto, coletamos informações sobre os desafios lançados pela líder iurdiana às suas leitoras. A dicotomia estabelecida entre o tradicionalismo evangélico e a aceitação dos novos valores da sociedade se exemplifica no projeto apresentado.

**Palavras-chave:** Gênero. Neopentecostalismo. IURD.

**Abstract:** This study aims at revealing dynamics built from the sacred to the genre. In order to achieve this goal, we got into the universe of the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) through the project called Godllywood, developed by this church, aimed at faithful women. The study was based on theoretical research on scientific production that addresses the interrelation between gender and religion, besides existing documentary research in the virtual channel of the project. Data collection was conducted with the gathering of some information on the challenges presented by the leader of the project to female readers. The dichotomy established between evangelical traditionalism and the acceptance of new values of the current society exemplifies the project presented.

**Keywords:** Gender. Neo-pentecostalism. UCKG.

## Introdução

Embora haja décadas da existência de estudos sociológicos que tratam a temática religiosa em suas diversas perspectivas (Durkheim, 1996; Weber, 2006), foi na busca de uma compreensão aprofundada sobre a sua dinâmica com as representações de gênero que encontramos um campo científico incipiente (Bandini, 2005; Gouvêa Neto, 2015; Machado, 1999; Reimer; Souza, 2012; Roese, 2015). O ensejo em desvelar esta relação, apesar do aumento quantitativo de estudos nos últimos anos, acontece de maneira ainda gradual, compreendendo possibilidades de novas perspectivas que podem ser abordadas (Marcos, 2007; Musskopf, 2013).

---

\* Mestra em Geografia do Pontal (UFU). ORCID: 0000-0003-3317-4931 - contato: [alescaprado@hotmail.com](mailto:alescaprado@hotmail.com)

\*\* Doutor em Ciências Humanas (UFMG). Professor Associado da UFU. ORCID: 0000-0002-1766-0684 - contato: [alessandroenoque@gmail.com](mailto:alessandroenoque@gmail.com)

Neste sentido, é objeto do presente ensaio desvelar a dinâmica das relações construídas a partir do sagrado para com o gênero. Para tanto, adentraremos no universo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), através de seu projeto para as mulheres fiéis, denominado Godllywood, desenvolvido por Cristiane Macedo, filha do bispo e principal fundador da denominação, Edir Macedo. Como pode ser visualizado em seu site, o projeto objetiva aproximar as mulheres de Deus, forjando comportamentos que melhorem esta relação. No chamado “Desafio Godllywood”, as leitoras são motivadas a cumprirem desafios e executarem tarefas seguindo os “preceitos de Deus”.

Para tanto, foram realizados levantamentos sistemáticos na página do projeto, no primeiro trimestre do ano de 2018 e foram selecionados instrutivos, denominados tarefas, para a construção das análises. Neste ensejo, também foram ponderados os comentários das seguidoras no portal.

O artigo está estruturado em seis seções teóricas, além desta introdução, quais sejam: Gênero e Religião: Percursos Teóricos; O Desafio Godllywood; As Tarefas; Representações de Gênero a Partir do Desafio Godllywood; e Considerações Finais.

### **Gênero e religião: percursos teóricos**

Etimologicamente religião origina-se do latim *religio* que significa louvor aos deuses, ou de *religari*, que quer dizer religação. Todavia, tais definições não conseguem acompanhar a complexidade das religiões contemporâneas, sendo necessário compreendê-las, na atualidade, como indicam Weber (1980), Pierucci (2006) e Prandi (2008).

A compreensão do universo religioso deve pautar as relações que o constitui, relações de poder, estruturas sociais, divisão de gênero e jogos de interesse. Analisar as representações de gênero nas organizações religiosas gera a necessidade de pensar sobre o papel da religião na estruturação social dos sexos (Souza, 2004). Neste sentido, para que se tenha uma compreensão aprofundada sobre as relações de gênero é necessário, também, compreender as relações de poder, analisando-as em todas as suas vias. A análise do gênero nas diversas relações é essencial para uma visão ampla que desvincule a dicotomia estabelecida (Costa; Madeira; Silveira, 2012).

Para além da visão de produção do fenômeno religioso é importante pensar sobre como os fiéis estão inseridos nesse organismo. As representações para além do externo constroem-se com a ideia de pertencimento ou não àquela organização. Neste contexto, Souza (2006) aponta, em seu estudo, que a falta de participação de mulheres nos cargos de prestígio as faz transitar mais pelo cenário religioso. Neste sentido, a ausência de um compromisso estabelecido com as instituições pode funcionar como força motivadora, e viabilizadora, para este fenômeno, uma vez que estas não se consideram representantes das denominações.

Compreender o fenômeno religioso buscando as particularidades que tocam a realidade das mulheres que nele estão inseridas nos colocam no caminho da construção do gênero. É importante ressaltar que a terminologia de gênero foi difundida amplamente nos estudos a partir de 1975, quando foi lançado o clássico “*The traffic in women: notes on the political economy of sex*”, de Gayle Rubin, que abordou o sistema sexo/gênero, em

sua discussão, apresentando aspectos que conceberam os efeitos geradores das estruturas de gênero na construção de identidades e relações. Rubin (1975) buscou compreender como as relações se deram para que a mulher se tornasse um ser domesticado, tratando de um sistema social que as transforma em produto.

As pesquisas acerca da temática de gênero consideravam as culturas para se compreender as relações. Nesse sentido, Scott (1990) apresenta sua contribuição para o uso do gênero como uma categoria de análise, a partir da concepção que se pode compreender as relações de gênero na construção da sociedade. Em sua análise, a autora insere a compreensão política e de poder na discussão sobre mulheres e gênero.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição masculino – feminino e fundamenta, ao mesmo tempo, seu sentido. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa, e fixa, fora de toda construção binária e o processo social torna ambos, partes do sentido do poder de ele mesmo; por em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema inteiro. (Scott, 1990, p. 18).

É então apresentada uma definição de gênero dividida em duas partes, sendo que uma delas considera como elemento que constrói as relações sociais nas diferenças pelo sexo, e a outra que concebe gênero como forma de significação das relações de poder (Scott, 1990). Nas palavras da autora:

O gênero é, então, um meio de codificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando as (os) historiadoras (es) buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, elas (eles) começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares e situadas dentro de contextos específicos, pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política (Scott, 1990, p. 17).

Em sua obra a autora também traz as inconsistências das teorias que discutiam o gênero, a teorização acerca da dominação masculina, deixando os efeitos desta dominação na construção das identidades em plano secundário. Nessa linha, a compreensão da autora sobre gênero vai além do seu conceito em si, mas estende-se ao que ele produz na sua representação e na construção identitária do que é masculino e feminino. Os estudos acerca do tema apresentam as desigualdades sociais, políticas e econômicas existentes.

Dessa discussão surge a compreensão de que gênero que seria um conceito relacional que pertence às relações sociais e tem sua significação nas relações de poder (Costa; Madeira; Silveira, 2012). Possas (2004) corrobora com a ideia: “(...). Assim, os papéis normativos, os comportamentos atribuídos a homens e mulheres e a relação entre os sexos não são discursos neutros, mas repletos de significados e de relações de poder” (p. 266).

No caso brasileiro, as pesquisas de gênero foram fundadas em estudos sobre a mulher no fim da ditadura militar. Cumpre dizer que algumas mulheres exiladas voltaram ao Brasil e somaram suas experiências feministas adquiridas em outros países na produção teórica brasileira e, então, o debate sobre gênero começou a tomar forma, acompanhando uma tendência internacional (Moraes, 2000).

Queiroz (2008) apontou que as pautas feministas acerca da subordinação feminina foram além do poder distribuído de forma desigual, trazendo à tona os comportamentos e ações que se dão nas relações sociais e afetivas. As relações de gênero devem ser

entendidas como relações de poder, considerando que o gênero não apresenta trajetórias iguais em todos os campos e que estes divergem, de acordo com a comunidade em que estão alocados (Lima; Mélo, 2012).

Buscando o aprofundamento na relação entre o sagrado e o gênero, selecionamos, para fins deste artigo, o grupo neopentecostal, que apresentou o maior crescimento em número de fiéis dos últimos anos, conforme dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) em 2010.

O neopentecostalismo, enfoque deste ensaio, caracteriza-se por diferenciar-se em diversos aspectos das demais ondas pentecostais. O pentecostalismo clássico, pioneiro na vertente pentecostal no Brasil, caracteriza-se por sua rejeição ao mundo exterior, seu caráter anticatolicismo e a crença em uma salvação paradisíaca. A onda seguinte, denominada por Mariano (1999) de deuteropentecostalismo, caracterizou-se por dar início à utilização do evangelismo de massa, através do uso do rádio. Esta fundamenta-se na crença da cura divina e na fragmentação das denominações; entretanto, não rompeu, teleologicamente, com o pentecostalismo clássico. O neopentecostalismo, por sua vez, apresenta caráter inovador, rompe teleologicamente com as demais ondas e passa a afirmar o mundo externo, nas instituições neopentecostais, com cada vez menos rigorosas exigências estéticas, sendo a guerra contra o diabo e a teologia da prosperidade aspectos centrais.

Mariano (1999) apresenta as mudanças pelas quais a igreja passou no decorrer dos avanços sociais, mudanças que foram desencadeadas de acordo com as novas dinâmicas da sociedade. As igrejas neopentecostais exerceram papel fundamental para a quebra de estereótipos dos evangélicos, abandonando marcos tradicionais e propondo um novo método de ritos, crenças e práticas. Suas pregações trazem as igrejas como referência na resolução de problemas espirituais, físicos e emocionais, tais como libertação de demônios e problemas financeiros, tornando-se uma vertente distinta e apagando os padrões existentes.

As mudanças nos últimos quarenta anos possibilitaram, também, que as mulheres ocupassem os espaços de poder que antes eram restritos aos homens. É importante dizer que essa representação feminina também se fortaleceu em tal corrente. Birman (1996) apresenta sua analogia sobre o lugar que o crente passa a ter no surgimento do neopentecostalismo, das diferenças identitárias, tomando a análise como mutável e em transformação, visto que o avanço desse neopentecostalismo vem através da compatibilização de fiéis e não fiéis, seja em seus modos de vida, opções religiosas e a vida mundana. Vale aqui ressaltar que o neopentecostalismo é pioneiro na aceitação de mulheres na liderança de suas instituições e conta com elas como as maiores propagadoras desse movimento.

A mesma autora ressalta que o papel da mulher nessas instituições é constituído por meio da divisão do trabalho, sendo pertencente ao âmbito do trabalho doméstico, estruturando uma harmonia entre o papel da mulher na esfera doméstica e na religião. Para o entendimento do lugar social em que as mulheres estão alocadas é necessária a análise da construção do feminino e as concepções religiosas nas quais se encontram, como propôs a autora: “Nos sistemas religiosos dificilmente é possível considerar que o lugar do feminino seja exatamente o mesmo” (Birman, 1996, p. 210).

Analisando os discursos das instituições neopentecostais, Gabatz (2016) reitera as manobras utilizadas de maneira a ponderar as conquistas femininas, reconhecendo-as. Entretanto, mantém as mulheres sob o controle da instituição, entendendo os impactos que podem influenciar a hierarquia de gênero.

Verificando que as representações de gênero nas organizações religiosas têm se dado de forma diferente para homens e mulheres, Aragão Filho (2011) apontou que, para as mulheres, a dominação masculina nos espaços, sejam eles religiosos ou não, tem sido pauta de discussão. Nas igrejas neopentecostais, as mulheres têm ocupado espaços que antes pertenciam somente aos homens, o que traz consigo uma reinvenção da identidade feminina no espaço, recuando na sua ideia de submissão e promovendo a construção de igualdade. Entretanto, há divergência em um ponto central, pois as atuações femininas nos espaços ainda dependem das decisões masculinas. Outra provocativa trazida pelo autor consiste nas novas estratégias para conquistar novos fiéis. Neste sentido, as mulheres atuam como agregadoras de novos seguidores, além do fato de que igrejas que incluem as mulheres em seus processos ganhariam simpatia do público feminino.

Assim, reiterando o que foi colocado por Birman (1996) e Aragão Filho (2011), encontramos os estudos de Cordovil (2013) e Gonzáles Garcia (2014) que têm, em comum, a ideia dos novos espaços ocupados pelas mulheres nas diferentes vertentes religiosas, trazendo como problemática comum a submissão destes novos cargos à palavra final masculina. Machado (1999) já apontara em seu trabalho as divergências na tratativa de assuntos tidos como femininos e a representação das mulheres nos veículos de comunicação evangélicos. Em seu estudo, a autora constatou que a participação de mulheres, nesses canais de comunicação, eram resultado de um debate preestabelecido, de autoria masculina e que se fundamentava na manutenção da família e do lar. A figura feminina era utilizada como uma maneira de manter o diálogo entre os programas e as telespectadoras, enfatizando sempre o papel da mulher relacionado ao acolhimento e aconselhamento. Os temas tidos como femininos, encabeçados por mulheres que faziam parte da redação e do planejamento desses programas, relacionavam-se a problemas domésticos e a relações religiosas, colocando, de maneira superficial, a possível inserção destas no mercado de trabalho.

As construções identitárias, que formam o gênero, são estabelecidas por relações que impõem comportamentos a homens e mulheres. Esses processos são compostos por aspectos de dominação e envolvem predisposições, colocadas, por vezes, como “vocação”, para estabelecer papéis inquestionáveis. Essa perspectiva pode se relacionar com as funções destinadas às mulheres no âmbito religioso, uma vez que sua função de mantenedora da família é reafirmada nos ritos e instituições (Gabatz, 2016). Tal realidade reafirma o que fora proposto por Woodhead (2007), que pontuou as autoridades às quais as mulheres são submetidas na religião, quais sejam: Deus, pai ou profissionais das instituições.

Embora o papel feminino figure em um imaginário de responsabilidade sobre aqueles à sua volta, Freitas e Souza (2013), trouxeram, em um estudo sobre fiéis de uma igreja neopentecostal do Rio de Janeiro, que, como referencial à vida, homens e mulheres apontaram imagens masculinas como o intermédio de Deus, explicitando a construção da relação homem de Deus e líder religioso.

Entendendo o universo neopentecostal como campo privilegiado para a formação de novas perspectivas nos processos de individualização, Gabatz (2016), ao analisar a transformação do papel da mulher nestes espaços, apontou as formas de construção de identidades de gênero em relação ao carisma feminino. O autor reitera a utilização da bíblia pelas igrejas para a manutenção das posições de mãe e esposa para estas mulheres, analisado como o lugar mais apropriado para elas estarem.

A conversão ao pentecostalismo dá-se em diferentes processos, tanto para homens, como para mulheres. As demandas levadas aos espaços religiosos pelos homens são comumente dificuldades financeiras, problemas de saúde e desemprego, enquanto que as motivações para as mulheres giram em torno de conflitos domésticos, problemas com filhos e maridos. Esse diferencial exemplifica que o papel da mulher ainda é o de guardiã e protetora da família, enquanto o homem reafirma sua identidade individual (Machado, 2005; Souza, 2006).

As mudanças no cenário pentecostal surgiram a fim de ressignificar o tradicionalismo evangélico, a politização dos fiéis, a inserção feminina nos espaços e a compatibilização com a cultura, as quais pontuam as principais mudanças que ocorreram (Machado; Mariz, 1996). Embora as mudanças protagonizadas pelo neopentecostalismo alterem a posição das mulheres em relação à submissão tradicional (Gabatz, 2016), seus textos, dogmas e denominações ainda são mantidos, alocando a mulher ao papel maternal e a figura masculina como a imagem e representação de Deus.

Buscando aprofundar as mudanças que ocorreram no cenário neopentecostal quanto à participação das mulheres e, especificamente às atividades que ocorrem e são lideradas por e para mulheres na IURD, trataremos na próxima seção do último desafio Godllywood lançado a essas fiéis, desafio que foi sendo moldado e aprimorado ao longo dos anos. Para fins deste ensaio, tomaremos, como base, as tarefas apresentadas no desafio no ano de 2018, publicadas pela autora nos meses de janeiro a março e coletados por nós no mês seguinte.

## O desafio Godllywood

Compreender como Cristiane Cardoso exerce um cargo de liderança em um espaço onde mulheres não se tornam pastoras, é um dos pilares para se entender o papel das esposas de pastores na realidade da IURD, seguido pela compreensão de como então é pautado para que as mulheres que seguem esta denominação venham a se inserir na divisão de tarefas. Cristiane Cardoso é uma das duas filhas de Edir Macedo com Esther Bezerra, casada com Renato Cardoso, que também é Bispo da Universal. Ela propaga às fiéis o modelo de mulher ideal, adotado pela IURD, aceitando fortemente as tendências da moda e adaptando-as à sua crença. Fato é que, diferentemente das tradições evangélicas, na IURD o cuidado pessoal através do uso de cosméticos e maquiagens é incentivado. Outras diferenças que colocam a denominação no foco deste trabalho é a relação da igreja com o planejamento familiar, estimulando o uso de métodos contraceptivos e colocando a dicotomia entre o tradicional e o moderno.

Teixeira (2014), ao descrever o desenvolvimento da IURD, relaciona este processo à trajetória de Cristiane Cardoso, apontando a maneira como a líder passou todas as etapas de sua vida envolvida nas mudanças da instituição. Cristiane tomou protagonismo em sua história na Universal a partir de seu casamento. Antes dos anos 2000, Cristiane publicava pequenos textos no Jornal Folha Universal e suas aparições ocorriam em programas de veiculação internacional. A partir de 2004, a filha mais velha do bispo Edir Macedo passou a escrever semanalmente para o jornal e começou a assinar a coluna Mulher, que, em 2009, transformou-se no caderno Folha Mulher. Em 2007 criou um blog e tornou-se apresentadora do programa “Coisas de Mulher”, do qual também era editora chefe. No ano de criação do projeto Godllywood, Cristiane já era referência para o público feminino da IURD, nacional e internacionalmente.

É inegável a importância da IURD como grande fenômeno do neopentecostalismo. Seu crescimento diferenciado, e sua grande inserção nas mídias e na política, agrega fiéis tanto nacional, quanto internacionalmente, sem paralelos na história das instituições. Ao se propor a mediar os problemas terrenos de seus fiéis com as suas soluções divinas, a instituição racionaliza e oferece seus serviços religiosos de maneira especializada, o que acaba por gerar grande demanda dos serviços de seus pastores e obreiros. Para que os fiéis encontrem respostas no atendimento da igreja, é necessário que os mediadores estejam sempre de plantão (Mariano, 1999).

A IURD possui regras específicas para o comportamento feminino. As mulheres devem portar-se de maneira discreta e submissa, no caso das esposas de pastores; além de cumprirem tais requisitos, ainda devem voluntariar-se aos serviços nos templos e estarem disponíveis para contribuir com as atividades de seus maridos. Nota-se a importância da família de pastores no complemento de sua imagem perante a comunidade, passando estas a exercer além do molde para as demais, certa liderança na instituição (Campos, 2012).

O projeto Godllywood foi criado em 2010, no Texas, nos Estados Unidos. Sua formação foi inspirada nos grupos de irmandade das universidades dos Estados Unidos, que são criados por estudantes com interesses em comum e exercem fundamental participação em sua educação. Neste contexto, Cristiane propôs a tradução desta dinâmica para a igreja. Inicialmente, o projeto chamava-se *Sisterhood*. A mudança de nome ocorreu em referência crítica ao modo de vida adotado por mulheres em Hollywood. A autora, de acordo com o portal analisado, percebeu as dificuldades das jovens fiéis da Universal nos seus relacionamentos familiares, cuidados pessoais e sua relação com Deus.

O projeto surgiu a partir de uma preocupação pessoal de Cristiane Cardoso, em conjunto com Evelyn Higginbotham, com os caminhos tomados pelas adolescentes nos EUA, onde a líder residia. Inicialmente, as adolescentes eram acompanhadas por big-sisters que, na ocasião eram as fundadoras do projeto e exerciam tarefas a fim de tornarem-se “mulheres de Deus”. Por meio dos mandamentos bíblicos, as mulheres que participam do projeto são estimuladas a se desenvolverem nos caminhos de Deus e contam com a ajuda umas das outras para realizarem o que é proposto a cada novo desafio. O propósito é resgatar valores femininos que foram “esquecidos na sociedade”.

Através da análise das mídias oficiais do projeto e de sua líder, locais onde são postados as mensagens e os novos desafios, coletamos as informações para compreender o papel desempenhado por este projeto na construção do feminino na instituição.

Antes de implementar o projeto, Cristiane já se reunia com jovens mulheres na igreja em que seu marido trabalhava, nos Estados Unidos. Na ocasião, as meninas que tinham entre 14 e 17 anos desenvolviam tarefas e publicavam seus resultados nas redes sociais. Em 2010, Cristiane e o marido retornaram ao Brasil de maneira a expandir o projeto.

Teixeira (2014) destaca, em seu trabalho, a relação da IURD com as mídias justamente por sua estratégia proselitista, ressaltando as emissoras de rádio e televisão que possuíam vínculos diretos com a instituição desde o começo do século, e, a partir disso, dialoga com as influências da mídia nos comportamentos e na composição dos gêneros. A autora reitera a dimensão do corpo como mediador das práticas entre sacrifício e desafio, estabelecidos pela igreja. Em suas palavras “A diferenciação entre masculino e feminino ocorre por meio da construção de um sistema de oposições, que naturaliza no corpo determinadas posturas corporais, produzindo um senso das capacidades exclusivas do homem e das capacidades exclusivas da mulher” (Teixeira, 2014, p.240).

O projeto tem grupos divididos por faixa etária e estado civil. Começando pelo *Godllywood Girls*, que se subdividem em: lindas (meninas entre 6 e 10 anos) e queridas (meninas entre 11 e 14 anos); o *Sisterhood* que se subdivide em: dóceis (meninas entre 15 e 19 anos) e graciosas (mulheres entre 20 e 25 anos); o *Mulher V* para mulheres a partir de 26 anos que se divide em quatro grupos, sendo Rutes as mulheres solteiras, Esters as mulheres casadas, Rebecas as noivas de pastores e Déboras as esposas de pastores. Os nomes utilizados no programa fazem referência a nomes bíblicos. Com o crescimento do projeto, foi criado recentemente o *Godllywood autoajuda* para que mulheres que não tenham vínculo com a instituição também possam participar, utilizando o canal virtual disponibilizado por Cristiane (Campos e Souza, 2017).

Com o advento das redes sociais o projeto disseminou-se por 77 países e foi traduzido para sete línguas. Mesmo com os percalços das diferenças entre regiões e costumes, busca-se forjar o modelo performativo feminino geral. Cabe aqui fazer um paralelo entre o trabalho de Souza (2006) que ressalta a busca das mulheres nas instituições religiosas de afastar-se do universo doméstico e solitário que fora incumbido a elas, e os comentários encontrados nas mídias do projeto, nos quais as mulheres agradecem a Cristiane e a Deus pelas mudanças ocorridas depois do projeto. O suporte que a denominação oferece também serve para suprir a carência que o lugar social estabelecido para as mulheres trouxe.

As práticas contemporâneas da IURD foram colocadas em pauta por Souza (2017), e entende-se que as ações direcionadas às mulheres não são diferentes. O caráter supra religioso resulta em técnicas semelhantes às de autoajuda, utilizando diferentes veículos como TV e programas de rádio, o que também pode ser posto em paralelo com o caráter secular que as religiões têm apresentado. As andanças religiosas produzem uma noção diferenciada de um Deus, que se redesenha e se molda pelas constantes experiências religiosas. Compreendendo a multiplicidade das possibilidades de fé existentes, projetos como *Godllywood* se tornam diferenciais na permanência e na relação das mulheres para com a instituição.

As atividades do projeto são pensadas como recortes aos grupos existentes, enquanto as crianças precisam executar tarefas como preparar o café da manhã e melhorar



seu relacionamento com os pais. As jovens têm tarefas relacionadas ao cuidado com a aparência. Existem os estágios dentro do grupo e ao final das tarefas as mulheres são certificadas em meio a festas, onde são presenteadas com itens que ilustram o universo feminino e, a partir daí, são apresentadas aos objetos que poderão receber, caso continuem com aprovação no programa no ano seguinte (Teixeira, 2014).

No início do ano de 2018, no blog oficial do projeto, Cristiane lançou o “Desafio Godllywood Autoajuda”, quando se propôs a postar desafios ao longo de algumas semanas e reiterou que as mulheres que se dispusessem a realizá-los estariam cumprindo uma oferta para Deus, não para Cristiane, ou para as outras mulheres do projeto. Diferentemente do mecanismo utilizado no início do projeto, usando as mídias sociais para apresentar os resultados (Teixeira, 2014), o intuito agora é que as mulheres escolham uma “amiga-irmã” que também vá cumprir os desafios que sirvam de incentivo e que possam assegurar que serão cumpridos.

Souza (2019), ao analisar os discursos midiáticos dos artigos de pastores e escritoras da Igreja Universal, e, dentro destes, os textos do programa Godllywood, apontou a clara intencionalidade de forjar-se comportamentos e práticas na rotina dos leitores. O autor pondera as etapas da estrutura narrativa, que, baseadas nos textos bíblicos, são contextualizadas, aplicadas ao cotidiano e prescritas. Estas etapas foram identificadas por ele em textos de diferentes blogs da instituição.

O vocabulário e a forma de se comunicar de Cristiane se faz simples e popular, de modo a atingir todas as mulheres que queiram realizar os desafios. Faremos, agora, uma breve descrição dos desafios lançados pela líder neste novo projeto para as “mulheres de Deus”.

No seu canal virtual Cristiane dá dicas para que as mulheres escolham suas amigas como irmãs, para desenvolver as tarefas em conjunto. Ela pontua situações e instrui a maneira como a relação entre essas mulheres deve ser estabelecida e, na ocasião, ainda indica que aquelas que sentirem dificuldade de encontrarem uma amiga como irmã, que procurem a esposa de um pastor da Universal para auxiliá-las.

## As tarefas

O primeiro desafio proposto por ela, em suas palavras: “Faça algo inesperado que você gostaria que fizessem por você, por alguém de sua família”, ressaltando as instruções para que elas transcrevessem as atividades em um diário e que se certificassem de que sua “amiga-irmã” também as realizaria.

A segunda tarefa, idealizada e proposta por Cristiane, refere-se à oração e propõe que as mulheres orem por alguém que possam ter feito algum mal a elas.

Na próxima tarefa as mulheres deveriam pedir respostas a Deus e meditar com a bíblia, de maneira a encontrar nela suas soluções. Foram estimuladas, também, para que se reunissem com suas escolhidas para fazerem a atividade em conjunto. As leitoras, então, passam a usar o espaço de comentários para dividir o resultado de seus desafios, entre si, e com a própria Cristiane.

No quarto desafio lançado, Cristiane desafiou as suas leitoras a renunciarem a algo. Em suas palavras: “Se desfazer de algo que Deus tem lhe pedido há muito tempo”.

Na “Tarefa Como Oferta”, número cinco, o desafio voltou-se para o comportamento das mulheres e, mais especificamente, para suas roupas, ressaltando a importância de que não usassem roupas curtas ou que, de alguma maneira marcassem o corpo das mulheres. A líder da IURD pontuou que, no dia determinado, elas deveriam usar saias e vestidos para Deus, e aproveitou o desafio para passar a mensagem de que suas leitoras não precisam igualar-se aos homens para conseguirem ter valor, nem direitos.

No sexto desafio as mulheres são orientadas a serem sinceras com Deus e com elas mesmas. Através de orações, são aconselhadas a mostrarem-se da maneira como verdadeiramente são.

No sétimo desafio Cristiane propôs que as mulheres respondessem a uma série de perguntas, que tocavam em diferentes dimensões cotidianas, como a reflexão das roupas, do tratamento dos maridos/familiares, a maneira de falar, a maquiagem/cabelos. Para além de tais reflexões, é proposto que as mulheres façam essas perguntas às suas escolhidas como “amiga-irmã” e troquem as informações para que reiterem ou discorram das suas respostas.

Na próxima tarefa sugerida por Cristiane foi proposto que suas leitoras usassem o fim de semana para limpar e organizar suas casas e, assim, alcançarem mais uma mudança: a mudança do lar.

O nono desafio volta-se novamente para a reflexão sobre o *self* feminino, no qual a líder pontua situações em que as mulheres possam ter demonstrado orgulho, compreendendo que isso não seria da vontade de Deus. Na tarefa proposta é sugerido para que as mulheres perguntem a três pessoas próximas se estas já presenciaram alguma situação em que as mulheres houvessem demonstrado orgulho.

A relação de submissão e humildade, proposta por Cristiane no desafio, abriu campo para o próximo. Assim, décima “Tarefa Como Oferta” foi posta em consonância com a anterior. Nesta, a líder da IURD coloca que as mulheres devem mudar as atitudes apontadas como orgulhosas e acrescenta, no fim de seu texto, algumas possibilidades de ações que estariam indo contra os ensinamentos de Deus. Em suas palavras: “Seria pedir a opinião de quem sabe mais que você? Seria parar de ficar levantando bandeiras sobre o que você acha por aí?”.

As tarefas continuam no sentido de corroborar para que a mulher se torne mais humilde. A próxima tarefa proposta por Cristiane reforça que o mundo está manipulando as mulheres para que estas queiram ser iguais aos homens; entretanto a autora apresenta a ideia de que o papel feminino é maleável, de cuidado e discrição. A partir da lista de “qualidades” colocada pela autora é proposto que as mulheres pratiquem ações e dentro dos itens está a ideia de falar menos, não ser “respondona”, usar roupas femininas e ser gentil.

Na “Tarefa Como Oferta” de número 12, Cristiane disponibiliza um *podcast* às suas leitoras, o que permitiu a transmissão de informações por meio de um áudio. A mídia em questão trata de um trecho da bíblia, no livro de Gênesis, mais especificamente no capítulo 4, que aborda as consequências da desobediência de Adão e Eva a Deus. Após a reflexão trazida pelo áudio, a autora propõe que suas leitoras reflitam sobre como são, onde dão o seu melhor e se sabe lidar com o sucesso alheio.

Na tarefa seguinte, é sugerido que as mulheres, a partir de suas reflexões, percebam e comecem a dar o seu melhor, em todos os âmbitos de suas vidas. Cristiane, na ocasião ressalta que essas ações não são para ela ou para a igreja, mas sim para Deus, e que as mulheres precisam ser mais produtivas em seus trabalhos, escolas, cuidar melhor de seus lares, dar mais atenção aos seus filhos/maridos para assim, se tornarem exemplos de mulheres virtuosas e testemunhos de vida. Seguindo o caminho das últimas tarefas propostas, Cristiane lista todas as áreas em que as mulheres precisam se doar mais e melhor e, sugere que esta seja a 14ª tarefa.

Na reta final das tarefas Cristiane começa o seu texto citando um versículo da bíblia e propõe, como 15ª tarefa, uma sequência de atividades. A autora coloca em questão as dificuldades impostas às mulheres após se inserirem no mercado de trabalho e enfatiza que sempre que se destacam em uma das dimensões cotidianas, são rotuladas por descuidarem das outras. Neste ensejo a líder pontua que nessa busca de destaque positivo nas atividades, a vida espiritual fica esquecida. Cristiane sugere que as mulheres então respondam a alguns questionamentos sobre os seus medos, ansiedades e estresses. Em seguida ela as orientam a fazerem tudo de maneira contrária ao que fariam por medo e ansiedade e, por fim, ressalta a importância para que estas orem e que isso lhes trará força e confiança. A autora ressalta que esta tarefa deve tornar-se um hábito para suas leitoras e, nos comentários, elas agradecem o quanto o projeto as têm ajudado.

Na tarefa seguinte, de número 16, Cristiane apresenta às suas leitoras a necessidade de controlarem o seu tempo, em suas palavras: “É para você fazer o que Deus faz: controle o seu tempo, tenha disciplina, e nunca mais deixe que algo atrase a sua vida, seja preguiça, lentidão ou distração”.

A próxima tarefa é colocada como um contraponto à vida em Hollywood, pela líder, que pontua: “E essa é a Tarefa como Oferta 17: sejamos mais amigas e jamais inimigas!”

Na “Tarefa Como Oferta” de número 18, Cristiane propõe uma reflexão sobre um versículo bíblico. Na ocasião questiona as mulheres, o que tem contaminado suas mentes e consciências e, por fim, incentiva que suas leitoras olhem mais para si e ressalta que apenas elas serão capazes de alcançar alguma mudança desta maneira.

A penúltima tarefa proposta por Cristiane é de teor prático. Na oportunidade a autora do blog orienta que suas leitoras saiam da rotina e façam três atividades que sejam fora do comum, exemplifica: “Seja a maneira que você se veste, a hora que você acorda ou vai dormir, a ousadia que você vai ter ao se aproximar de alguém que você tem evitado fazer...”.

A última tarefa do desafio é uma avaliação dos resultados obtidos. Cristiane orienta que suas leitoras analisem suas conquistas e encontrem com suas “amigas-como-irmãs” para avaliarem o que ainda falta ser alcançado e o que deve fazer parte de suas rotinas.

## **Representações de gênero a partir do desafio Godllywood**

Corroborando com o que fora proposto por Teixeira (2014), os desafios estão ligados ao sacrifício em busca de um benefício a ser alcançado. A mudança a ser conquistada por essas mulheres tem consigo uma carga de gratidão, que pôde ser visualizada no

próprio blog, nos comentários de inúmeras mulheres compartilhando a realização dos desafios, bem como reiterando a importância destes em suas vidas.

Considerando o caráter das tarefas, entendido por Cristiane por autoajuda, compreende-se que a secularização faz parte das práticas utilizadas neste projeto. Os ensinamentos passados se relacionam ao cotidiano, ao doméstico e ao *self* feminino e não estão restritos às práticas do interior das instituições (Campos e Souza, 2017).

O incentivo para que as mulheres compartilhem suas experiências encontram-se sempre presentes nos textos, e, dentre os relatos, é possível verificar diversas causas que as trouxeram, ou seja, problemas conjugais e derivados destes são colocados com frequência, seguidos por problemas com familiares e questões de intolerância religiosa.

Nos relatos das leitoras também é possível compreender o que Teixeira (2014) colocou quanto à conversão ao pentecostalismo que, em consonância a Campos e Souza (2017), apontam que a conversão das mulheres por vezes se dá primeiro nos demais membros da família e estas, então, travam a batalha de levar consigo seus próximos.

A figura de Cristiane representa muito dentro da comunidade feminina da IURD, pois sua imagem passa os moldes corretos de comportamento de uma “mulher de Deus”, e, assim, a segurança de que seu comportamento é exemplo e tem poder de agregar às suas leitoras o que for proposto. A influência da líder pôde ser observada claramente no desafio de número quatro, onde, não diferente do que se poderia esperar, muitas mulheres seguiram seu exemplo e relataram o abandono das redes sociais. Souza (2017) apontou que a mensagem propagada por Cristiane, e por outras líderes da IURD, ecoa de maneira isenta de dúvidas sobre o papel feminino tanto no âmbito doméstico, quanto no âmbito religioso, corroborando com o que fora analisado por Souza (2019), que salientou a importância das citações bíblicas no discurso da enunciadora, papel de porta-voz exercido por esta nas tarefas, e, em seguida, nas prescrições do cotidiano, o que constrói enunciados de autoridade, revelando a divindade intermediada por ela.

Bandini (2015) exemplificou em seu estudo o caso da proibição, por parte de algumas instituições, do vínculo empregatício de mulheres de pastores, limitando a individualidade destas mulheres; no entanto, a IURD não pauta essa limitação e, assim, Cristiane se apoia na ideia de que a mulher pode e deve estar apta para todas as tarefas a ela atribuídas, o que pode ser verificado nos desafios 8, 14, 16 e 16.

Entre os pontos colocados pela autora está a não submissão das leitoras, o gosto pela independência e o gosto de opinar. Neste ponto pode-se correlacionar o intuito do programa ao estabelecido pela IURD, com seu caráter conservador, onde utiliza das passagens bíblicas para manter sua estrutura de submissão das mulheres. Esta estrutura enraizou modelos e comportamentos nas mulheres iurdianas, expressando o *habitus*, conceito estabelecido por Pierre Bourdieu (Bandini, 2015).

Em uma pesquisa desenvolvida nas mídias evangélicas, Machado (1999) apontara certa autoridade entre as apresentadoras e as espectadoras dos programas voltados ao público feminino da IURD. A autora ressaltou que no âmbito dos cuidados com o corpo, essa autoridade se fazia ainda mais incisiva, em suas palavras: “A mulher da IURD deve se orgulhar de ser mulher, e isso inclui cuidado com a aparência e a vaidade” (Machado, 1999, p. 180), fato que endossa o tratamento das leitoras e do exercício de liderança que Cristiane cumpre e reproduz nos desafios 5 e 11.

É importante colocar que nas tarefas sugeridas o papel de referência da mulher para seus amigos, familiares e conhecidos é central. Segundo Machado (1999), em referência às mulheres da IURD, bispos e pastores as tratam como enfermeiras de Deus, ressaltando seu papel de aconselhamento.

Roese (2015) evidencia o movimento de criação e recriação das mulheres sobre suas vidas espirituais. A autora introduz seu texto enfatizando que a pesquisa de como as mulheres se relacionam com a religião deve partir para além das estruturas postas e formais, sendo necessário que se investigue o cotidiano religioso destas mulheres. Neste sentido, o projeto Godllywood vai ao encontro das novas práticas adotadas por estas mulheres para experienciar as perspectivas religiosas oferecidas a elas.

O projeto é, em sua essência, um meio encontrado pela líder e, conseqüentemente, pela instituição, de criar e gerenciar uma rede social entre as mulheres que se propõem a realizar as tarefas, compreendendo o lugar imposto pela sociedade à mulher. A interação e a oportunidade de compartilhar as vivências exercem a função de amenizar a solidão em que estas encontram, por vezes, isoladas no âmbito doméstico.

Podemos pontuar, também, a valorização do feminino que a líder ressalta em seus textos, nos quais pauta a beleza e as qualidades do ser mulher, relacionando sempre a importância destas mulheres no caminho de Deus, para que sejam efetivamente mulheres virtuosas.

Embora diferencie as mulheres em suas atividades, a autora do blog, local no qual inclusive aponta comportamentos que julga serem errados para estas, como pode se observar no desafio de número 11, é enfática ao buscar que as mulheres se libertem de sentimentos ruins, umas com as outras. Vale ressaltar que o desafio número 17 traz a importância de que as mulheres se ajudem e se considerem, fazendo um paralelo ao feminismo.

## Considerações finais

Como já pudemos pontuar, em várias oportunidades, Cristiane busca que as mulheres, a partir de suas reflexões e meditações, se encontrem e estejam em equilíbrio com suas relações interpessoais e com Deus. Decorrente desta dinâmica também fica clara a intenção de autoajuda do blog que, através destas orientações, faz com que estas mulheres primeiramente busquem a aceitação de si e, em decorrência disto, encontrem a sua plenitude em relação à família, trabalho e sociedade.

Considerando o distanciamento do desafio com o caráter institucional da IURD, podemos fazer também um paralelo ao seu proselitismo que é, por vezes, colocado em xeque, entendendo que ao atingir mulheres que ainda não sejam fiéis da denominação, tem maior facilidade de trazê-las e agregar suas famílias para a instituição.

A dicotomia estabelecida entre o tradicionalismo evangélico e a aceitação dos novos valores da sociedade se exemplifica no projeto apresentado, entendendo que embora o caráter conservador que reitere que as mulheres são, e continuarão sendo, responsáveis pelo cuidado doméstico e de seus próximos, apresenta a ideia de que a mulher está inserida no mercado de trabalho e, a partir disso, a trata como multitarefas, assim como é reconhecida na sociedade atual.

Contraopondo com o que acontece com estas mulheres nas tradições patriarcais que envolvem em seus meios apenas filhos, maridos e familiares próximos, é válido considerar a importância de realizações como tal projeto para que as mulheres estejam inseridas em redes e trilhem seus caminhos percebendo que podem não estar só. A função do projeto de evangelização traz consigo a valorização feminina e o apoio que podem ter em conjunto.

Embora ainda haja o teor de submissão das mulheres em relação aos homens, pode-se encontrar nos textos do projeto, maneiras colocadas por Cristiane para que estas mulheres se imponham; contudo, seu papel será sempre atrás de uma figura masculina, o que é colocado pela autora com naturalidade, sendo parte do caminho de Deus.

Este trabalho foi elaborado a partir de leituras específicas, tratando de um projeto de uma instituição neopentecostal. Utilizou dados secundários, obtidos pelos meios de comunicação oficiais do projeto para a confecção das análises. Neste sentido, vale salientar que não pode ser ampliado a outras instituições religiosas revelando, assim, a importância e a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que busquem desvelar as relações entre fiéis e denominações religiosas na perspectiva do gênero em um universo essencialmente prático.

Sugerimos, assim, que novas investigações sejam realizadas neste ensejo, analisando o programa em questão, e programas semelhantes a ele, utilizando de metodologias que disponham da participação dos sujeitos pesquisados, tais como observação participante e entrevistas, por exemplo.

## Referências

ARAGÃO FILHO, Iran Lima. *Religião e Gênero: o imaginário sobre o lugar da mulher na igreja neopentecostal*. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

BANDINI, Claudirene. *Corpos, Símbolos e Poder: marcadores de desigualdades sociais no espaço religioso*. REVER – Revista de Estudos da Religião, São Paulo, n. 2, ano 5, p.71-86, abr/jun. 2005.

BANDINI, Claudirene. *Gênero e poder na Igreja Universal do Reino De Deus*. Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1410-1426, jul/set, 2015.

BIRMAN, Patricia. *Mediação feminina e identidades pentecostais*. Cadernos Pagu, Campinas, p.221-226, 1996.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. *O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal*. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 54, n. 2, aug. 2012. ISSN 1678-9857.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; SOUZA, Alana. *Godllywood de Cristiane Cardoso: uma etnografia do “transreligioso”*. Rev. Antropol, São Paulo, v. 60, n. 2, p.487-512, 2017.

CORDOVIL, Daniela. Sexualidade, gênero e poder: uma análise da participação feminina em políticas públicas para afroreligiosos em Belém, Pará. *PLURA – Revista de Estudos de Religião*, [s.l.], v. 4, n. 2, p.149-163, jul/dez. 2013.

COSTA, Renata; MADEIRA, Maria Zalma; SILVEIRA, Clara Maria. *RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina*. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, Brasil, dez. 2012.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 609 p.

FREITAS, Hugo Gonçalves; SOUZA, Sandra Duarte. *Gênero e Religião: O Trânsito Religioso de Homens e Mulheres Metodistas na Cidade de Volta Redonda, RJ*. Mandrágora, [s.l.], v. 19, n. 19, p.45-61, 31 dez. 2013.

GABATZ, Celso. *As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas*. Sociedade e Cultura. Goiânia, v. 19, n. 2, p. 95-103, dez. 2016.

GONZÁLEZ GARCIA, Martina M. E. *Trajetórias e passagens na vida religiosa feminina*. REVER – Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 116-135, dez. 2014.

GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Mulheres na Assembleia de Deus: para se pensar a categoria gênero além do estruturalismo*. Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p.89-106, out. 2015.

LIMA, Maria Lúcia. Chaves; MÉLLO, Ricardo Pimentel. *As Vicissitudes da Noção de Gênero: por uma concepção estética e antiessencialista*. Gênero na Amazônia, Belém, n. 1, jan. /jun., 2012.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 13, n. 2, ago. 2005.

MACHADO, Maria das Dores Campos; MARIZ, Cecília. *Pentecostalismo e a redefinição do feminino*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 1996.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *SOS MULHER: A IDENTIDADE FEMININA NA MÍDIA PENTECOSTAL*. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.167-188, set. 1999.

MARCOS, Sylvia. *Religión y Género: Contribuciones a Su Estudio en América Latina* Introducción al Volumen Religión y Género. *Estudios de Religião*, [s.l.], v. 21, n. 32, p.34-59, jun. 2007.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MORAES, Maria Lima Quartim de. *Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças*. In: *Revista Crítica Marxista*. São Paulo: Boitempo, 2000.

MUSSKOPF, André S. Haverá “gênero” e “religião”? ou Enquanto houver burguesia não vai haver poesia. *Revista Relegens Thréskeia*, v. 2, n. 2, p.10-25, 19 dez. 2013.

PIERUCCI, Antonio Flavio. *Religião como solvente: uma aula*. Novos estudos – CEBRAP, São Paulo, n.75, jul. 2006.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. *Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado*. In: GOMES, Ângela de Castro (Org). *Escrita de si e escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. *Tempo Social: Rev. de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 20, n. 2, nov. 2008.

QUEIROZ, Fernanda Marques de. *Não se rima amor e dor: cenas cotidianas de violência contra a mulher*. Mossoró, RN: UERN, 2008.

REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, Carolina Bezerra de. As mulheres: modelo de seguimento no movimento de Jesus e na Igreja. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, Recife, v. 2, n. 1, p.207-216, dez. 2012.

ROESE, Anete. *Religião e feminismo descolonial: os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p.1534-1558, jul/set. 2015.

RUBIN, Gayle. “The Traffic in Women: Notes on the ‘political economy’ of sex.” In: R. Reiter (ed.), *Toward an Anthropology of Women*, New York: Monthly Review Press, 1975, pp.:157-210. [Traduzido para o português e publicado por SOS Corpo e Cidadania]

SCOTT, Johan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Recife, v. 20 n. 2, p. 71-99, 1990.

SOUZA, Alana Sá Leitão. O Godllywood e a ‘mulher virtuosa’ na IURD. *Reia-Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, Pernambuco, v. 42, p.24-38, 2017.

SOUZA, Ronivaldo Moreira de. A doutrina na mídia: uma análise do funcionamento discursivo do gênero doutrinário da Igreja Universal Do Reino De Deus. In Marassi, Alessandra de Castro Barros; Pinheiro, Wesley Moreira (org). *Diálogos entre a comunicação, filosofia e tecnologia: reflexões sobre tecnologia, religião e sociedade nas práticas comunicacionais contemporâneas*. São Paulo: Paulus, 2019. p. 40-50.

SOUZA, Sandra Duarte de. *Revista Mandrágora: Gênero e religião nos estudos feministas*. Rev. Estud. Fem, Florianópolis, v. 12, dez. 2004.

SOUZA, Sandra Duarte de. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p.21-29, dez. 2006.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. (2014), *Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: O desafio Godllywood*. *Religião & Sociedade*, nº 2: 232-256.



WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: WEBER, M. Max Weber: textos selecionados. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

WEBER, Max. Sociologia das religiões. Lisboa: Antropos, 2006. 358 p.

WOODHEAD, Linda. Gender differences in religious practice and significance. In: BECKFORD, J. A.; DEMERATH, J. The sage handbook of the sociology of religion. Los Angeles; London; New Delhi; Singapore: Sage, 2007. p.550-570.

Recebido: 19 de agosto de 2019.

Aprovado: 22 de novembro de 2019.